



## XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

**ZONA CONTEXTO:** Imersão e insurgência para uma prática jornalística laboratorial cidadã<sup>1</sup>

Michele da Silva Tavares - Universidade Federal de Sergipe

### RESUMO

Este trabalho configura-se como um relato de experiência que aborda as práticas de ensino aplicadas na produção laboratorial do “Zona Contexto”, desenvolvido no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe. Pretende-se registrar o processo de produção, tensionar aspectos conceituais que orientam o ensino do jornalismo e refletir sobre como práticas imersivas e insurgentes podem contribuir para uma cobertura mais inclusiva e para a formação profissional cidadã. A experiência laboratorial relatada ampara-se na observação de campo (Rovida, 2015) como estratégia metodológica para a abordagem jornalística imersiva. As perspectivas conceituais de Moraes (2022) e Tavares (2023) fundamentam a proposta editorial insurgente.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Laboratorial; Jornalismo Hiperlocal; Insurgência Editorial; Observação de Campo; Experimentação.

Este trabalho consiste em um relato de experiência sobre as práticas de ensino aplicadas na disciplina Laboratório Integrado de Jornalismo I, do curso de jornalismo da Universidade Federal de Sergipe, para o desenvolvimento do produto “Zona Contexto”<sup>2</sup>. A produção experimental é desenvolvida pelos estudantes matriculados no componente curricular, que é ofertado anualmente para a turma do quinto período, sob a orientação de três docentes. Pretende-se, neste relato, não apenas registrar o processo de produção laboratorial, mas, também, tensionar aspectos conceituais que orientam o ensino do jornalismo e refletir sobre como práticas imersivas e insurgentes podem contribuir para uma cobertura mais inclusiva e para a formação profissional cidadã.

De modo geral, a disciplina mobiliza uma reflexão a partir dos conceitos de redação jornalística integrada, convergente e multiplataforma (Canavilhas, 2012; Salaverría, García-Avilés e Masip, 2010; Santos, 2019), que caracteriza parte do ecossistema midiático contemporâneo. Além disso, revisa-se perspectivas conceituais de modelos jornalísticos que possibilitam abordagens sobre os sujeitos na relação com suas localidades e a partir do uso das tecnologias digitais, como o jornalismo hiperlocal (Camponez, 2017; Lima Junior, 2017) e de proximidade (Peruzzo, 2015), além de observar expressões contemporâneas associadas ao jornalismo como a militância, o ativismo, o engajamento, que apontam para modos e práticas jornalísticas - que não são novas, mas se atualizam (Pereira, 2023; Barsotti e Vieira, 2023; Moraes, 2023).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT (GT4 – PRÁTICAS PROFISSIONAIS E FORMAÇÃO CIDADÃ EM COMUNICAÇÃO - CBCC) da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

<sup>2</sup> O produto laboratorial “Zona Contexto” pode ser acessado em: <https://portalcontextoufs.wixsite.com/zonacontexto>. Federal de Sergipe (UFS).

É justamente a partir desse eixo reflexivo que situamos conceitualmente nosso relato: cotejamos autores que se posicionam de modo crítico a respeito das práticas hegemônicas e dos padrões jornalísticos “colonizadores”, para repensar a forma como ensinamos e reproduzimos certos cânones. Moraes (2022) chama a atenção para o papel do ambiente acadêmico enquanto espaço de formação e experimentação dos futuros profissionais e alerta-nos para o risco das práticas na universidade que podem oferecer uma perspectiva que coloca a técnica acima da reflexividade, apoiando-se em reducionismos e reforçando políticas de apagamento. Albuquerque (2022), por sua vez, destaca que o processo de colonização do jornalismo brasileiro, estruturado a partir do Ocidente e, principalmente, do modelo norte-americano, está sedimentado em suas bases teóricas e defende a decolonização dos estudos sobre o jornalismo. “Entender o jornalismo como objeto de um processo de colonização significa identificar os agentes externos e internos que levam a atividade jornalística de um determinado país a basear suas práticas, métodos, agendas e valores por referência às potências centrais” (Albuquerque, 2022, p.13).

Assim, ao observar experiências editoriais convergentes e multiplataforma, seja a partir de modelos hegemônicos e comerciais e/ou a partir de modelos jornalísticos independentes, colocamos em perspectiva os parâmetros jornalísticos que orientam a produção laboratorial para desestabilizá-los. Afinal, de acordo com Marques (2013, p.107), “há dois caminhos para um laboratório de jornalismo: ser um espaço de prática ou tornar-se um espaço de experimentação”. Portanto, compreendemos a experimentação como processo crítico e reflexivo e, também, como experiência propositiva que contribui para a formação de futuros/as jornalistas.

Do ponto de vista editorial, a produção do “Zona Contexto” é mobilizada por uma cobertura jornalística hiperlocal e cidadã. Com o slogan “um zoom da cidade”, pressupomos uma experiência pedagógica e abordagem jornalística imersivas, na qual estudantes e professores definem a cidade sergipana que será tema da edição desenvolvida pela turma. Para a escolha da localidade e, posteriormente, para a prospecção e pré-produção das pautas e a apuração, além do levantamento de dados, empregamos a observação de campo (Rovida, 2015) como estratégia metodológica que aproxima a etnografia e o jornalismo: “O repórter e o antropólogo precisam observar, sentir o cheiro, tocar e, de certa forma, se colocar em relação, em contato com os contextos e personagens sobre os quais tratam” (Rovida, 2015, p.86-87).

A produção é desenvolvida ao longo de um semestre letivo, cujo conteúdo programático é dividido entre teoria (reflexão sobre os conceitos fundantes e apresentação da dinâmica editorial), e prática (pauta, planejamento, apuração, produção, redação, edição e circulação de uma edição do “Zona Contexto”). Cada edição permite a experimentação de reportagens, produções sonoras e audiovisuais, além de peças visuais como webstories e infográficos. A imersão na cidade inicia-se desde o planejamento editorial, com o levantamento de informações a respeito da localidade que

será tema da edição, observando o modo como a imprensa sergipana aborda e enquadra determinadas comunidades e territórios. Observa-se, no geral, que muitas pautas reforçam estereótipos e enfatizam fontes e angulações em detrimento de temas e vozes silenciados. Assim, repensamos outros vieses: O que sabemos sobre determinada comunidade? Quais as suas potências, peculiaridades e desafios? Quais são as vozes insurgentes, seus líderes e suas histórias? Que identidades podemos revelar?

Sob essa perspectiva, “Zona Contexto” é resultante da experimentação laboratorial que aplica os princípios conceituais, técnicos e estéticos que norteiam o fazer jornalístico, mas de modo crítico, reflexivo e propositivo. “Nós assumimos uma postura jornalística insurgente, questionadora, que conta histórias cativantes baseadas nas vivências, nos afetos, na relação com o território, mas sem perder de vista o olhar crítico”<sup>3</sup>. Nesse sentido, compreendemos que o jornalismo editorialmente insurgente constitui um **modo de ser** relacionado à sua natureza organizacional e independência editorial (nesse caso, trata-se de uma produção laboratorial) e, principalmente, um **modo de agir** relacionado às premissas editoriais, como a perspectiva jornalística adotada, os modos de participação dos sujeitos e grupos sociais, os aspectos argumentativos que fundamentam a reportagem, a abordagem territorial e os sentidos de pertença (Tavares, 2023).

Mussi, Flores e Almeida (2021, p.63) consideram o relato de experiência como “expressão escrita de vivências, capaz de contribuir na produção de conhecimentos das mais variadas temáticas”. Para os autores, trata-se de um tipo de produção de conhecimento cuja característica principal é a descrição da intervenção, a partir de um dos eixos formativos da universidade - neste caso, o ensino e a prática laboratorial jornalística. Considerando que, desde a sua criação em 2022, já foram publicadas três edições do “Zona Contexto” - edição #00 (ênfase na capital, Aracaju), edição #01 (São Cristóvão, cidade mãe de Sergipe) e edição #02 (Itabaiana, importante município do agreste sergipano) - refletimos sobre as seguintes questões: De que maneira as práticas jornalísticas laboratoriais imersivas podem contribuir para uma cobertura mais inclusiva e para a formação profissional cidadã? Em que medida as perspectivas editoriais insurgentes podem contribuir para repensar parâmetros jornalísticos convencionais?

Ainda de acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021), o relato de experiência deve incluir a descrição da experiência vivida e a aplicação crítica-reflexiva a partir de pressupostos teórico-metodológicos. Assim, parece-nos oportuno escrever esse texto não só para o registro da experiência pedagógica, mas também como oportunidade para avaliar “se” e “como” a observação de campo contribui para uma cobertura mais inclusiva. Para tal, propomos uma análise das três edições desenvolvidas, com o intuito de identificar as principais experiências vivenciadas no

---

<sup>3</sup> Definição editorial do “Zona Contexto”, disponível em “Quem somos”: <https://portalcontextoufs.wixsite.com/zonacontexto/quem-somos-1>. Acesso em: 13/05/2024.

processo de produção e verificar a aplicabilidade dos fundamentos “insurgentes” a partir dos conteúdos jornalísticos realizados.

Ao longo das três edições, a proposta editorial do “Zona Contexto” tem se mostrado interessante e desafiadora no que se refere à aplicação/ experimentação das práticas jornalísticas insurgentes. As equipes iniciam o trabalho de planejamento da edição com a prospecção de dados e informações referentes à cidade que será tema da produção, propondo pautas e abordagens que são invisibilizadas pela mídia sergipana. Há um cuidado na abordagem de raça, gênero, classe, meio ambiente, cultura, entre outras variáveis para não condicionar certos estereótipos ou apagamentos.

Entre as potencialidades da observação de campo, percebe-se que o deslocamento dos estudantes (em grupo e/ou equipes) até as comunidades para o trabalho de pré-apuração/produção, permite não só a checagem da viabilidade das pautas, uma aproximação com os sujeitos que habitam os territórios e a visualização in loco das questões estruturais que caracterizam o local, mas também, a identificação e a escuta das vozes que são usualmente silenciadas. É a partir dessa experiência de campo que emerge a percepção das identidades e o sentido de pertencimento que se estabelece entre sujeitos e territórios.

Também consideramos positiva a experiência proporcionada pela prática laboratorial que permite certa liberdade de experimentação nos formatos jornalísticos. A produção multimídia permite potencializar a experiência imersiva, seja por meio da reportagem textual ou sonora que valoriza dados, memórias, elementos descritivos do território, histórias de vida, como também pela visualidade, com fotografias, webstories ou webdocs que registram aspectos de singularidade, humanização das fontes e identidade cultural. O desafio pedagógico e editorial consiste justamente em aplicar o projeto editorial e gráfico pré-estabelecido com diretrizes essenciais que orientam a produção jornalística do “Zona Contexto”, atentando-se para não cair em armadilhas e abordagens criticadas e que não se configuram como “insurgentes”.

No entanto, destaca-se que a experiência de produção laboratorial ainda sinaliza algumas limitações para uma prática laboratorial mais inclusiva e cidadã. Espera-se que seja possível, em futuro próximo, estabelecer modos de participação das comunidades em conselho editorial ou com a sugestão de pautas. Também é necessário aprimorar formas de circulação do conteúdo produzido, de modo que seja acessível para as comunidades representadas na edição e, principalmente, dialogar com esses sujeitos para que avaliem se a abordagem jornalística do “Zona Contexto” condiz com as realidades vivenciadas por essas pessoas.

## **Referências**

ALBUQUERQUE, Afonso de. **O que decolonizar o jornalismo afinal quer dizer?** Um olhar a partir do Brasil. Lumina, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 5–19, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/39278>. Acesso em: 20 maio. 2024.

BARSOTTI, Adriana; VIEIRA, Agostinho. **É possível um jornalismo ativista?** As tensões no ethos profissional assentado na objetividade. In: Brazilian Journalism Research (BJR). Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). v. 19 n. 3 (2023). Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1597>. Acesso em: 20 maio. 2024.

CAMPONEZ, Carlos Costa dos Santos. **Proposta de novos pactos comunicacionais na era do hiperlocal.** In JERÓNIMO, Pedro (Org.). Media e jornalismo de proximidade na era digital. Portugal, Covilhã, Editora LabCom.IFP, 2017. p.11-25. Disponível em: [http://www.labcomifp.ubi.pt/ficheiros/201710181743-201710\\_mediajornalismoproximidade\\_pjeronimo.pdf](http://www.labcomifp.ubi.pt/ficheiros/201710181743-201710_mediajornalismoproximidade_pjeronimo.pdf). Acesso em: 20 maio 2024.

CANAVILHAS, João. **Da remediação à convergência:** um olhar sobre os media portugueses. In: Brazilian journalism research, v. 8, n. 1, p. 7-21, 2012. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/369/362> Acesso em: 20 maio 2024.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. **Jornalismo hiperlocal e dispositivos móveis.** In: JERÓNIMO, Pedro (Org.). Media e jornalismo de proximidade na era digital. Portugal, Covilhã, Editora LabCom.IFP, 2017. p.11-25. Disponível em: [http://www.labcomifp.ubi.pt/ficheiros/201710181743-201710\\_mediajornalismoproximidade\\_pjeronimo.pdf](http://www.labcomifp.ubi.pt/ficheiros/201710181743-201710_mediajornalismoproximidade_pjeronimo.pdf). Acesso em: 20 maio 2024.

MARQUES, Fabrício. **Laboratório como espaço criativo e experimental.** In: SOSTER, Demétrio de Azeredo. TONUS, Mirna. (Orgs). Jornalismo-laboratório: impressos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013. p. 107-120.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate:** subjetividade, prática reflexiva e posicionamentos para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre [RS]: Arquipélago, 2022.

\_\_\_\_\_. **Sobre que militantes e engajados estamos falando?** Um olhar sobre a imprensa comercial brasileira e o posicionamento como estratégia jornalística. In: Brazilian Journalism Research (BJR). Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). v. 19 n. 3 (2023). Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1609>. Acesso em: 20 maio. 2024.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico.** Práx. Educ., Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nr\\_m=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nr_m=iso). Acesso em: 13 maio 2024.

PEREIRA, Fábio Henrique. **O que os combates podem nos dizer sobre as identidades jornalísticas?** In: Brazilian Journalism Research (BJR). Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). v. 19 n. 3 (2023). Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1652>. Acesso em: 20 maio. 2024.

PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. In: Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84,

2005. Disponível em: [http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/cs\\_umesp/article/view/196/154](http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/cs_umesp/article/view/196/154). Acesso em: 20 maio 2024.

ROVIDA, Mara Ferreira. **Etnografia e Reportagem Jornalística**: aproximação possível para uma metodologia. São Paulo: Líbero, v. 18, n. 35, p. 77-88, jan./jun., 2015. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/71> Acesso em: 13 maio 2024.

SALAVERRÍA, Ramón; GARCÍA-AVILÉS, José Alberto; MASIP, Pere. **Concepto de convergencia periodística**. In: López, X.; Pereira, X. (coords.). Convergencia digital. Reconfiguración de los medios de comunicación en España. Santiago de Compostela: Servicio Editorial de la Universidad de Santiago de Compostela, 2010. Disponível em: [https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/23730/1/cap3\\_concepto\\_de\\_convergencia\\_periodistas\\_pp4\\_1-64.pdf](https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/23730/1/cap3_concepto_de_convergencia_periodistas_pp4_1-64.pdf) Acesso em: 20/05/2024.

SANTOS, Ébida. et.al. **Redações jornalísticas em contexto de convergência**: um estudo comparativo exploratório no Brasil, na Costa Rica e na Inglaterra. In: Revista Comunicação e Inovação, PPGCOM USCS, v.20, n. 43 [102-124] mai-ago 2019. Disponível em: [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/5933/2791](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5933/2791)

TAVARES, Michele da Silva. **Mídias Independentes e “Insurgências Editoriais”**: Provocações para Repensar o Jornalismo. In: ANAIS DO 46º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2023, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Anais eletrônicos [...] Belo Horizonte, 2023. Disponível em: [https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link\\_accite/nacional/11/0816202322514364dd7d2f3df82.pdf](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_accite/nacional/11/0816202322514364dd7d2f3df82.pdf) Acesso em: 16/04/2024.